

Maria Eduarda Dos Santos André

**FORMAS ALTERNATIVAS DE INGRESSO NA UNIVERSIDADE E O ENSINO  
PÚBLICO NO BRASIL; IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS NA POPULAÇÃO**

JACAREÍ

2016

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer à minha professora Elisiane, que dedicou seu tempo para me ajudar e retirar todas as dúvidas que eu tive durante a execução desse ensaio, e por sempre acreditar em mim.

## RESUMO

As cotas universitárias raciais possuem como objetivo ajudar os alunos negros, pardos e índios a ingressarem nas faculdades de acordo com as suas raças, as quais muitas vezes são excluídas pela sociedade, devido a uma série de fatores que formaram uma cultura em que a raça branca é superior a qualquer outra. Há, também, as cotas que ajudam os alunos de baixa renda, por não possuírem tantos recursos quanto os de maior renda, seja para pagar o curso, o transporte ou até mesmo a alimentação. Entre os diversos sistemas de cotas no Brasil, o que mais se destaca é o Prouni que aborda as cotas raciais e sociais e ajuda os alunos fornecendo bolsas integrais ou parciais de acordo com a nota do Enem. Entretanto, não são todas as pessoas que concordam ou aceitam as cotas, e, por isso acabam por agir preconceituosamente e causar constrangimentos nos outros indivíduos. Considerando o contexto supracitado, este ensaio vem abordar de forma clara a importância das cotas e a reação da sociedade perante as mesmas.

Palavras-chave: Cotas universitárias; preconceito racial; evolução cultural.

## INTRODUÇÃO

Este ensaio irá abordar o tema "Formas Alternativas de Ingresso na Universidade e o Ensino Público no Brasil; impactos socioeconômicos na população", de forma a esclarecer quais são os principais sistemas de cotas universitárias, por que foram criados e a reação da sociedade perante àqueles que usam as cotas.

Toda dedicação e estudo necessário para um estudante conseguir se formar no Ensino Médio possui como recompensa a oportunidade de ingressar em uma universidade e cursar o que deseja, tornando-se um ótimo profissional.

Entretanto, há alunos que não possuem condição financeira para entrar e se manter nessas faculdades, e estes são, na maioria, negros. Tal resultado é por problemas socioeconômicos causados pelo passado cruel que o Brasil viveu, e reflete hoje na pouca presença de negros cursando o Ensino Superior.

A falta de negros nas universidades - segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), de 2012, **35% dos matriculados em cursos de graduação no país são pretos ou pardos, enquanto 62% são brancos-** (educacao.uol.com.br,2013) - estará sendo apresentada como uma situação a ser condenada, ao passo que essa falta é justificada, também, pelo fato de não haver um acolhimento daqueles que são beneficiados, seja por razão social ou racial. E, por isso, a questão do preconceito será citada, devido a sua forte atuação nas universidades.

O discurso de economistas e especialistas no assunto será encontrado, a fim de concretizar a importância das cotas, suas qualidades e seus defeitos, os quais são analisados a partir de uma visão massiva e superficial.

A Lei de Cotas, que torna obrigação o sistema de cotas nas universidades, está, portanto, beneficiando uma massa inteira, numa visão macro, mas se olharmos por unidade, se estudarmos cada indivíduo em sua integridade, veremos o quão ele é atingido de modo que a situação não é sempre positiva, e que a realidade vai de encontro aos números.

## DESENVOLVIMENTO

As faculdades públicas no Brasil estão sendo cada vez mais almeçadas, já que, além de oferecerem um ensino gratuito, são também de grande qualidade.

Entretanto, para ingressar nessas faculdades é necessário ser aprovado em um exame de vestibular que aborda as áreas do conhecimento, como linguagens, ciências humanas, ciências da natureza e matemática e suas tecnologias, pois as vagas são limitadas.

Para ajudar e incentivar o ingresso nas universidades, em 1960, nos Estados Unidos, surgiu o Sistema de Cotas que propunha, também, diminuir a desigualdade social e racial. No ano de 2000, o Brasil adotou o sistema de cotas, que foi aplicado pela primeira vez na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a qual estabeleceu 50% das vagas do processo seletivo para alunos que estudavam em escolas públicas. Quatro anos mais tarde, a Universidade de Brasília (UnB) foi a primeira a usar o Sistema de cotas raciais. E, em 2012, a Lei de Cotas nº 12.711/2012 entrou para a Constituição.

A maioria das faculdades públicas exige que o aluno tenha cursado o ensino básico - Ensino fundamental e Ensino Médio - em instituições públicas. Dessa forma, aqueles que não possuem renda para pagar a faculdade, têm oportunidades tanto quanto os “mais ricos”. Esse é um dos sistemas de cotas universitárias.

Outras formas de cotas são utilizadas pelas faculdades, como a raça (cor da pele, descendência), a qual tem o intuito de oferecer oportunidades aos negros, pardos e indígenas de ingressarem e cursarem o Ensino Superior.

A renda também é uma cota, de modo que, os alunos que possuem renda familiar muito baixa, recebem prioridades no momento do “*ranking*”, ou seja, caso a pontuação de um aluno com uma renda X seja a mesma de um aluno com uma renda superior, o que possui a menor renda terá preferência nos resultados do processo seletivo.

Em outras palavras, as cotas são uma forma de oferecer cada vez mais oportunidades àqueles indivíduos que são, na maioria das vezes, excluídos pela sociedade, seja por questão financeira, raça ou simplesmente pelo fato de não terem condições tanto quanto os outros em sua volta.

Entre os vários sistemas de cotas, se destacam: Enem, Sisu, Prouni e Fies, os quais oferecem bolsas de desconto, financiamentos da graduação, que, conseqüentemente, dão mais oportunidades de ingresso nas universidades. Entretanto, o Prouni, já citado, fornece bolsas para estudantes com pouca renda, o que facilita o ingresso nas faculdades particulares. Os alunos são selecionados de acordo com a nota obtida no Enem- nota acima de 450- e não ter

zerado na redação. O ministro da Educação, Aloizio Mercadante, afirmou que o Prouni mudou a história dos negros no ensino superior. "Em 1997, somente 2,2% de negros frequentavam o ensino superior. Atualmente, são mais de 10%. Com o Prouni, de 1,2 milhão de contratos, mais de 630 mil são bolsistas negros". (educacao.uol.com.br, 2013)

Não obstante, as faculdades privadas, em sua maioria, oferecem o sistema de cotas para diminuir o valor da mensalidade, ou até mesmo para oferecer uma "bolsa" de cem por cento (100%) aos alunos que não podem pagá-la.

Mas todas essas oportunidades foram dadas como pagamento de uma "dívida histórica" que os brancos acreditam ter com os negros e índios, os quais foram submetidos a situações de escravidão e tiveram suas crenças censuradas. Os índios tiveram de aderir a uma nova fé, cultura e doutrina para que não fossem punidos e os negros não tinham voz, embora compusessem uma grande parte da população brasileira; eram também eles que extraíam e cultivavam a matéria-prima para exportação, fazendo a economia crescer cada vez mais. Mesmo após a abolição da escravidão (13 de maio de 1888) os negros continuaram excluídos da sociedade, pois foram deixados à sorte, não tinham casas nem acesso à escola.

Mesmo que quaisquer sistemas de cotas não resolvam o que ocorreu com aqueles que foram oprimidos e obrigados a ficarem em condições precárias, seus descendentes atualmente estão ganhando força e conseguindo direitos.

Infelizmente, o preconceito ganha força nas faculdades que recebem esses alunos "ajudados", o próprio universitário pode se sentir inferior por estar sendo respaldado pelas cotas. Há também um grande erro por parte de alguns professores que demonstram preconceito por parte dos mesmos; os colegas de classe cometem *bullying*, e cada vez mais o sistema de cotas passa a receber críticas. Alguns acontecimentos e relatos divulgados comprovam o que foi dito: a pesquisadora do Núcleo de Estudos Negros da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Joana Passos, diz que o racismo segue desafiando negros e indígenas. Afirma ainda que tal situação está presente não apenas na sociedade brasileira, como também nas universidades. Para ela, a estratégia para superar esse problema é falar sobre o tema e fazer com que as pessoas percebam que ele, junto a questões econômicas e de gênero, estrutura as desigualdades do Brasil. Joana aponta a devida punição, a instituição de programas antirracismo e a implementação da Lei 10639/03, que obriga o ensino da história e da cultura afro-brasileira na educação básica e ensino superior, como medidas necessárias para um avanço na área. (noticias.terra.com.br, 2013)

Partindo dos professores universitários, o preconceito também está presente para com os alunos:

a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) proibiu o professor de economia Manoel Luiz Malaguti de continuar dando aulas para o segundo período do Curso de Ciências Sociais, depois que ele disse aos alunos, durante uma discussão sobre políticas de cotas, que ‘se tivesse que escolher entre um médico branco e um negro, escolheria o médico branco’. A decisão foi anunciada pelo reitor da UFES, Reinaldo Centoducatte, que demonstrou estar envergonhado com as declarações do professor. ‘Você vai ter desempenho excelente de alunos cotistas e não cotistas, e desempenho abaixo da média, ou até sem aprovação, de cotistas ou não. Cada vez mais isso mostra que a política que adotamos é correta e está cumprindo o papel social. O professor teve uma análise equivocada’ – ressaltou - Reinaldo Centoducatte. (oglobo.globo.com,2014)

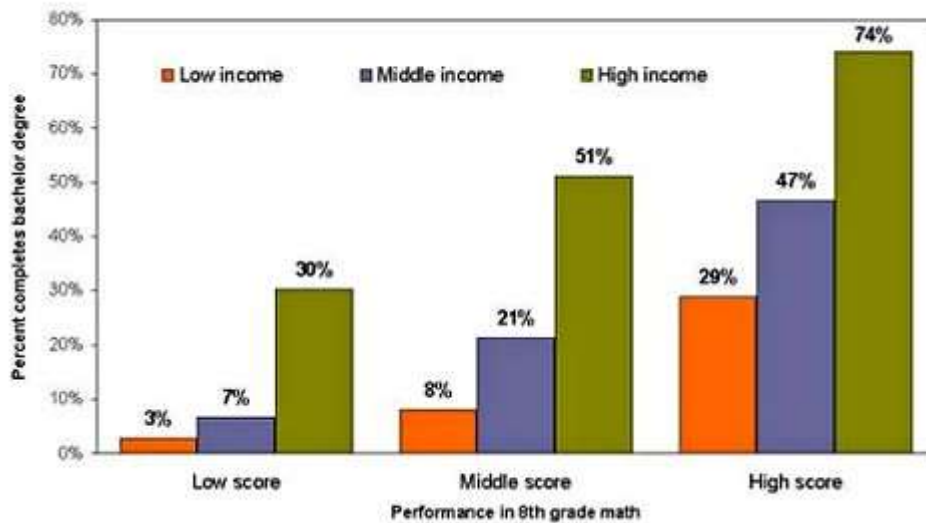
Ainda nesse caso, de acordo com os alunos, o professor disse, numa aula na segunda-feira, que o nível da educação na universidade está tão baixo que os professores não precisam mais se qualificar para dar aulas, já que a maioria dos alunos cotistas, sem cultura e sem leitura, são analfabetos funcionais. Segundo os alunos, o professor contou que não podia mais utilizar textos elaborados, pois os cotistas não teriam capacidade de compreensão e interpretação, ‘visto que a maioria não tem uma boa base de leitura’.

Foram uma hora e vinte minutos de intenso preconceito e racismo. Muitos alunos saíram chorando da sala e foram acolhidos por outros professores. Ninguém acreditava que ele estava vomitando aquelas palavras. E o pior é que ele falava tudo de maneira muito natural - disse um aluno de 20 anos, cotista, filho de um motorista e uma agente de saúde, e que pediu para não ser identificado por receio de uma superexposição. (oglobo.globo.com,2014)

Consequentemente, estudantes negros cotistas que conseguem ingressar em uma faculdade, acabam por não concluí-la ou pensam em desistir da vaga, como afirma o coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Paulino Cardoso, dizendo que quando os meninos e meninas (cotistas) acessam a universidade, precisam de uma política de permanência que não se trata apenas de garantir alimentação e transporte, mas de uma política de acolhimento que aponte uma política de sucesso. (ebc.com.br,2013)

Além disso, segundo o website blogs.estadao, o economista norte-americano, Paul Krugman, chama a atenção para os resultados obtidos em relação à desigualdade existente nas faculdades: “Um breve lembrete do quanto **a desigualdade já está presente no acesso ao ensino superior:** os alunos vindos de famílias de baixa renda que obtêm notas altas têm uma probabilidade de concluir o ensino superior mais baixa do que os alunos de renda alta com notas inferiores”:

Figure A. Educational outcomes and socioeconomic status



Source: Fox, Connolly, and Snyder 2005

Fonte: blogs.estadao.com.br,2012

Este gráfico mostra que a renda não interfere nas notas dos alunos, pois analisando a pontuação baixa (*low score*), os alunos com baixa renda (*low income*) possuem 3% de participação, ou seja, a baixa renda não justifica notas baixas. Partindo da pontuação média (*middle score*), percebemos que os alunos de baixa renda são apenas 8%, portanto rendas inferiores não são a causa de notas médias. E, por fim, o resultado encontrado na pontuação máxima (*high score*), é semelhante, já que os alunos com a renda baixa são 29%.

Portanto, através dos resultados obtidos, é visível que as cotas são para beneficiar a massa, ao passo que o indivíduo em particular acaba sendo prejudicado, exposto, desmotivado ou inferiorizado, fugindo totalmente da proposta inicial das cotas e deixando a dúvida: o problema é a cota ou a sociedade? Tal questão pode ser esclarecida com a visão de que nós, atualmente, não estamos “evoluídos” para praticarmos o lema que foi criado no século XVIII com a Revolução Francesa: “igualdade, liberdade e fraternidade”, o qual reconhece os direitos pertencentes a todos os homens. Em suma, o saber lidar e aceitar as cotas será possível apenas quando estivermos desenvolvidos ética e mentalmente.

As críticas em relação ao sistema de cotas e à sociedade não são apenas por causa do preconceito, mas também pela prioridade dada àqueles que possuem cota, pelo grau de comparação entre as raças iniciado no final do século XVII, quando o negro se autodominou pardo para que pudesse fugir da sua condição de escravidão – situação comparativa que hoje está implicitamente estabelecida, pelas diferenças socioeconômicas entre brancos e negros, ou



até mesmo devido à exclusão do indivíduo com renda superior ao que é exigido pela cota, quando a proposta é incluir não apenas socialmente, mas também racialmente.

Apesar disso, Professor Azanha,

já em 1969, postulava ‘uma filosofia de educação autenticamente democrática’ como sua base e procurava mostrar que a democratização do ensino não derivaria de uma ‘profissão de fé’ nos princípios democráticos, mas de políticas educacionais que visassem garantir o direito à educação à totalidade da população em idade escolar” (CURY, 2012, p. 15),

o que nos ajuda a entender que todas as políticas educacionais que propõem incluir cada vez mais a população, seja nas escolas ou universidades, são válidas, já que todos nós somos muito mais que a raça ou renda e, portanto, temos o direito à educação, ao respeito e às oportunidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste ensaio é possível entender o quão as cotas podem ajudar o aluno a ingressar numa faculdade, de forma que ele tenha a sua raça e posição social levados em conta.

Contudo, por mais que a dívida histórica que se acredita ter - a qual culpa uma sociedade inteira atual por algo que ocorreu no passado - esteja sendo “paga”, há uma dívida maior ainda sendo formada, já que o preconceito, principalmente com os negros, vem se acumulando desde o século XVII, período em que a escravidão e as punições aos índios e negros eram comuns.

Essas divergências também ocorrem em relação aos professores, que enquanto uns lutam pela democratização do ensino, assim como fez o Professor Azanha, outros lutam para que o número de pobres e negros diminua nas universidades, levando em conta o caso de Vitória (ES), citado.

A Revolução Francesa e seu lema são uma ótima analogia ao sistema de cotas raciais e aos cotistas. Liberdade, de usar as cotas, de pertencer a uma raça, de ser respaldado pelo governo e de fazer o que quiser, contanto que não prejudique ninguém, liberdade é o que queremos. Igualdade, entre brancos, negros, índios, pardos, ricos ou pobres, igualdade para todos. Fraternidade, o acolhimento para que permaneçam todos na faculdade, para que não exista preconceito ou indiferença entre aqueles que formam a sociedade, amor fraterno é o que precisamos.

Por fim, quando estivermos desenvolvidos, quando a desigualdade diminuir, quando o respeito aumentar e quando a dívida histórica ficar para a história, as cotas não serão mais vistas como algo ruim, que prejudica os que não podem utilizá-la, mas, sim, como uma oportunidade para evoluir aqueles que não são financeiramente estáveis. Afinal, o sistema de cotas causa tanto incômodo na nossa sociedade que, antes de ser criado para “evoluir os que não tiveram sorte”, deveríamos ser culturalmente modificados, para aceitar que o negro pobre, o qualquer outra raça, tem a capacidade de ocupar a vaga universitária de um branco rico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTOLA. **Mesmo com avanço pelas cotas, negros enfrentam racismo nas universidades.** Novembro de 2013. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/educacao/mesmo-com-avanco-pelas-cotas-negros-enfrentam-racismo-na-universidade,527ecf9404272410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 08/10/2016.

CURY, Ariam José Ferreira de Castilho. **Azanha e a democratização do acesso ao ensino: 1967-1970.** 2012. Página 15. Acesso em: 09/10/2016.

DALVI, Bruno. **Universidade de Federal do ES afasta professor acusado de racismo por estudantes.** Novembro de 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/universidade-de-federal-do-es-afasta-professor-acusado-de-racismo-por-estudantes-14467318>. Acesso em: 08/10/2016.

KRUGMAN, Paul. **Igualdade de oportunidade? Esqueça.** Março de 2012. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/paul-krugman/2012/03/06/igualdade-de-oportunidade-esqueca/>. Acesso em 08/10/2016.

SANTANA, Ana. **Entenda a diferença entre Sisu, Prouni e Fies.** Janeiro de 2013. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/01/16/entenda-a-diferenca-entre-sisu-prouni-e-fies.htm>. Acesso em: 08/10/2016.

TOKARNIA, Mariana. **Número de cotistas em instituições federais alcança meta prevista para 2016, diz MEC.** Agosto de 2013. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/educacao/2013/08/numero-de-cotistas-em-instituicoes-federais-alcanca-meta-prevista-para-2016-diz-mec>. Acesso em: 08/10/2016.

### Bibliografia Recomendada

CAETANO, Érica. **Historia do Sistema de cotas no Brasil.** Disponível em: <http://vestibular.mundoeducacao.bol.uol.com.br/cotas/historia-sistema-cotas-no-brasil.htm>. Acesso em: 08/10/2016.

GIMENES, Décio. **Princípio da igualdade e o sistema de cotas para negros no ensino superior.** Abril de 2004. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/5158/principio-da-igualdade-e-o-sistema-de-cotas-para-negros-no-ensino-superior>. Acesso em: 08/10/2016.

GOLGHER, Marx. **A questão do negro no Brasil.** Julho de 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/050/50cgolgher.htm>. Acesso em: 08/10/2016.

KRUGMAN, Paul. **Liberdade, igualdade, eficiência** . Março de 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/liberdade-igualdade-eficiencia-11841551>. Acesso em: 08/10/2016.

PRADO, Paulo. **Cotas sociais não promovem inclusão racial**. Setembro de 2016. Disponível em: <http://jornal.usp.br/artigos/cotas-sociais-nao-promovem-inclusao-racial/>. Acessado em: 08/10/2016.